

**Glucia Wesselovicz  
Janaina Cazini  
(Organizadoras)**

# **Diálogos sobre Inclusão 3**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

**Glaucia Wesselovicz**  
**Janaina Cazini**  
(Organizadoras)

# **Diálogos sobre Inclusão 3**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof.<sup>a</sup> Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.<sup>a</sup> Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
D536	Diálogos sobre inclusão 3 [recurso eletrônico] / Organizadoras Glauca Wesselovicz, Janaina Cazini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Diálogos Sobre Inclusão; v. 3)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-364-4 DOI 10.22533/at.ed.644192805  1. Brasil – Condições sociais. 2. Desenvolvimento social. 3. Integração social. I. Wesselovicz, Glauca. II. Cazini, Janaina. III. Série.  CDD 361.2
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A obra “Diálogos sobre Inclusão” no volume III, organizou, na ótica da educação inclusiva, 22 artigos de cunho teórico-prático, metodologias de ensino e aprendizagem, que visam incluir pessoas, que são de alguma forma, excluídas da sociedade devido sua deficiência, gênero, raça ou etnia.

Pois entendemos, e fica provado pelas pesquisas aqui apresentadas, que é na sala de aula no ambiente escolar que o terreno se mostra fértil para sensibilizar a sociedade sobre o respeito e a responsabilidade de todos quando o assunto é diversidade e inclusão social.

Contudo, no grupo de estudos sobre pessoas com surdez, observa-se que apesar da obrigatoriedade legal que assegura a criança surda o direito de uma educação especializada que a alfabetize nas duas línguas -português e LIBRAS - a partir das salas de atendimento especializado, na prática não acontece e depende do educador a responsabilidade de todo o processo.

Já para os grupos de pessoas com altas habilidades e etnicorraciais os projetos pedagógicos e interdisciplinares conseguem atingir resultados que impactam não só a sala de aula como a comunidade local.

Percebe-se que o caminho para inclusão social- especialmente de pessoas com deficiência - é longo e deve começar de forma incisiva nos bancos escolares. E por isso esta coletânea torna-se um instrumento de alerta, só nos tornamos uma sociedade inclusiva quando todas as nossas crianças conseguirem chegar em suas escolas e entenderem a linguagem que o professor está falando.

Nós esperamos que os artigos escolhidos possam nortear todos os leitores em seus projetos educacionais, sociais e profissionais e estimular a sociedade a olhar para a inclusão como uma ação de responsabilidade individual, coletiva e globalizada.

Glaucia Wesselovicz

Janaína Cazini

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO INSTRUMENTO INCLUSIVO: CONTAGEO E ADAPTAÇÃO DE LIVROS INFANTIS PARA DEFICIENTES VISUAIS	
Francisca Nailene Soares Vieira Martha Milene Fontenelle Carvalho Francisca Raquel Miguel de Sousa Rosane Santos Gueudeville Acreciana de Sousa Melo Fernanda Maria da Silva Cardeal	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6441928051</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>9</b>
A DIVERSIDADE ETNICORRACIAL NA CONCEPÇÃO DE PROFESSORAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Mirtes Aparecida Almeida Sousa Dorivaldo Alves Salustiano Eliane Fernandes Gadelha Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6441928052</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>20</b>
A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO SOCIAL	
Joel Nunes De Farias Luandson Luis Da Silva Hosana Souza de Farias Nadjeana Ramalho da Silva Samilly dos Santos Bernardo Luis Elaine Cristina Meireles Silva Aldair Viana Silva de Alcaniz Elenith Jussiêr de Lima Silva Ivanildo Severino da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6441928053</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>30</b>
A IMPORTÂNCIA DE ATIVIDADE FÍSICA PARA A VIDA DO PORTADOR DE SÍNDROME: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	
Estoécio Luiz do Carmo Júnior Rosélia Maria de Sousa Santos Brenda Oliveira Ferreira da Silva Adriana Silvino de Araújo Emanuel Heliomar Medeiros de Sousa José Ozildo dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6441928054</b>	

<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>39</b>
A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS EM DUAS ESCOLAS DA ZONA RURAL DA REDE MUNICIPAL DE CRATO	
Daniela Valdevino Lima Luiza Valdevino Lima Geórgia Maria de Alencar Maia Valquíria Carneiro da silva Acreciana de Sousa Melo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6441928055</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>48</b>
A INCLUSÃO DE DEFICIENTES FÍSICOS AMPUTADOS POR MEIO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA	
Thais Vinciprova Chiesse de Andrade Kelly Silva Teixeira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6441928056</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>59</b>
ACOMPANHAMENTO NEUROPSICOPEDAGÓGICO DE UMA CRIANÇA COM TRANSTORNO DE COMPORTAMENTO	
Bianca Cristina Leal	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6441928057</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>66</b>
ALUNA DE BAIXA VISÃO NA DISCIPLINA DE LIBRAS COM MEDIAÇÃO DO INTÉRPRETE: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Lana Carol de Sousa Martins Luana Fernandes Magalhães Sarah Maria Oliveira Terezinha Teixeira Joca Marilene Calderaro Munguba	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6441928058</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>77</b>
CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NOS IFS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O ACOMPANHAMENTO DE ESTUDANTES ATENDIDOS PELO NAPNE DO IFS/CAMPUS SÃO CRISTÓVÃO	
Laila Gardênia Viana Silva Danise Vivian Gonçalves dos Santos Maria Aparecida da Conceição Gomes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6441928059</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>88</b>
CULTURA AFRO-BRASILEIRA: A INCLUSÃO E A DIVERSIDADE ATRAVÉS DE UMA EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA NA COMUNIDADE CIDADE DE DEUS	
Carlos Alberto Da Silva Sant'Anna	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64419280510</b>	

<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>99</b>
DIÁLOGOS ENTRE A LITERATURA E A ALFABETIZAÇÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	
Andrialex William da Silva	
Rita de Cássia Barbosa Paiva Magalhães	
Tarcileide Maria Costa Bezerra	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64419280511</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>109</b>
DIFICULDADE DOS PROFESSORES EM SALA DE AULA COM ALUNOS ESPECIAIS -OBSERVAÇÃO EM UMA SALA DE AULA NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE-PARAÍBA	
Manuela Patrício Menezes	
Franciely Silva Apolinário	
Maria José Guerra	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64419280512</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>118</b>
DISCUSSÕES SOBRE A LUDICIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS	
Luiza Valdevino Lima	
Daniela Valdevino Lima	
Geórgia Maria de Alencar Maia	
Valquíria Carneiro da Silva	
Cássia da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64419280513</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>126</b>
EXPERIÊNCIA INCLUSIVA DE UM ALUNO COM TEA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DE CASO	
Fabyana Soares de Oliveira	
Ana Aparecida Tavares da Silveira	
Sára Maria Pinheiro Peixoto	
Marcilene França da Silva Tabosa	
Maria Aparecida Dias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64419280514</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>133</b>
HIPÓXIA NEONATAL E A EXPERIÊNCIA DA INCLUSÃO ESCOLAR NO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES/ RJ	
Ana Paula Silva Andrade Jorge	
Ana Luiza Barcelos Ribeiro	
Bianka Pires André	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64419280515</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>140</b>
LINGUAGENS ARTÍSTICAS E INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Gilvânia Maurício Dias de Pontes	
Lucineide Cruz Araújo	
Natália Medeiros de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64419280516</b>	



<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>151</b>
O ENSINO DE ARTES COMO INSTRUMENTO MOTIVADOR DA APRENDIZAGEM PARA ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES	
Fabiane Cristina Favarelli Navega	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64419280517</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>160</b>
O TRATO DA QUESTÃO ÉTNICORRACIAL NO CONTEXTO DA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL: UMA ANÁLISE SOBRE O INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE	
Raquel de Oliveira Mendes	
Rodrigo Bozi Ferrete	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64419280518</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>172</b>
O USO DA BIOMECÂNICA E ANATOMIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM ESCOLA DA ZONA RURAL DO CARIRI PARAIBANO	
Breno de Sousa Moreira	
Diego Gomes da Silva	
Aellyson Cordeiro de Melo	
Washington Almeida Reis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64419280519</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>183</b>
SABERES E PRÁTICAS EM ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA	
Artur José Braga de Mendonça	
Izabeli Sales Matos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64419280520</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>194</b>
SENSIBILIZAÇÃO SOBRE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO PARA O ENSINO SUPERIOR ATRAVÉS DE CINEBIOGRAFIAS: O CASO DA SUPERDOTAÇÃO DO MATEMÁTICO RAMANUJAN	
Clemir Queiroga de Carvalho Rocha	
Vicente Francisco de Sousa Neto	
Vera Borges de Sá	
Denise Maria de Matos Pereira Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64419280521</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>203</b>
UM NOVO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: QUANDO O FATOR LIMITANTE SE TRANSFORMA EM FATOR MOTIVACIONAL DA ESTRATÉGIA DIDÁTICA	
Fabio Damasceno	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64419280522</b>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>211</b>

## CULTURA AFRO-BRASILEIRA: A INCLUSÃO E A DIVERSIDADE ATRAVÉS DE UMA EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA NA COMUNIDADE CIDADE DE DEUS

**Carlos Alberto Da Silva Sant'Anna**  
Graduado em Geografia – ORBRACE

Pós-graduado – Universidade Candido Mendes  
Rio de Janeiro – Rio de Janeiro

**RESUMO:** Esse artigo tem como objetivo compartilhar a experiência vivenciada na Escola Municipal Alberto Rangel por intermédio de uma oficina nomeada como “Cultura Afro-brasileira”. O objetivo geral foi compreender e valorizar o negro na sociedade. Os objetivos específicos foram pautados em conhecer e reconhecer a cultura afro-brasileira; identificar a arte africana dentro do contexto artístico e cultural e reproduzir a linguagem artística por meio de elementos como dança, desenho, artesanato, escultura, música e pintura. A oficina foi pautada no construtivismo e na ludicidade. O estudo foi desenvolvido por meio da pesquisa exploratória, qualitativa, referência bibliográfica e estudo de campo. O resultado dessa prática pedagógica foi à construção e troca do conhecimento entre todos os atores que participaram das atividades propostas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociocultural, Comunidade, Diversidade, Inclusão, Arte.

**ABSTRACT:** This article aims to share the experience lived at the Alberto Rangel Municipal School through a workshop named “African

Brazilian Culture”. The general objective was to understand and value the black in society. The specific objectives were based on knowing and recognizing African Brazilian culture; to identify African art within the artistic and cultural context and to reproduce the artistic language through elements such as dance, drawing, crafts, sculpture, music and painting. The workshop was based on constructivism and playfulness. The study was developed through exploratory, qualitative, bibliographical reference and field study. The result of this pedagogical practice was the construction and exchange of knowledge among all the actors who participated in the proposed activities.

**KEYWORDS:** Sociocultural, Community, Diversity, Inclusion, Art.

### 1 | INTRODUÇÃO

Em seu livro *Pedagogia da Indignação* Freire (2000) afirma que “a educação sozinha, não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2000, p.67). Nesse sentido, é perceptível que o docente, mesmo em condições contrários na maioria das vezes, precisa ser um diferencial na vida do seu aluno. Por esse paradigma, nasceu à oficina sobre a cultura afro-brasileira dentro da

Escola Municipal Alberto Rangel, localizada em uma comunidade carente no Rio de Janeiro (RJ).

Cardoso (2017) discorre sobre a cultura e história Afro-brasileira e Africana dentro dos currículos escolares. Por essa perspectiva, esse autor acentua que o preconceito gira em torno da religiosidade africana não ser aceita dentro dos círculos sociais e isso é uma consequência de religiosidades fundamentadas em fé diferentes, tais como o cristianismo. Outra crítica de Cardoso (2017), que é notório dentro das unidades escolares, diz respeito à ausência dos livros didáticos abordarem o conceito da cultura e da história afro-brasileira, e quando há alguma referência a esse conhecimento esses conteúdos são superficiais e/ou não abordam as características fieis da cultura afro-brasileira e africana. Logo, os negros contribuíram para a “[...] diversidade linguística-cultural e a própria religião [...]” (CARDOSO, 2017, p. 206).

Silva et al. (2005) analisam Paulo Freire pela perspectiva da diversidade e da inclusão. Então, o que esses autores abordam é que a inclusão precisa ser primordial dentro das escolas, uma vez que, a intenção é priorizar o ensino e a aprendizagem do estudante. Para isso, é necessário considerar alguns aspectos da experiência de mundo dos alunos e, para tal é necessário averiguar as heranças culturais. Heranças essas que não podem ser reduzidas apenas as memórias e olhar do branco.

Portanto, essas foram umas das motivações para desenvolver junto com os alunos a oficina de cultura afro-brasileira, cujo tema era “O negro na sociedade brasileira”. Para isso, procurou realizar atividades que demonstrasse a história do negro, suas memórias e as suas representações na sociedade brasileira, interligando essas particularidades com a práxis pedagógica. Dessa maneira, foram consideradas as vivências do aluno, optando por uma metodologia lúdica e baseada no construtivismo. Para Becker (1992) o construtivismo pode ser definido como uma teoria, visto que ele não é encaixado nas concepções de práticas, técnicas ou métodos, pois é por intermédio do construtivismo que pode ser (re) interpretada as mais variadas situações. O construtivismo junto com a ludicidade possibilita que o conhecimento seja construído de forma coletiva, ou seja, pela relação do mundo físico e social, e essa foi uma abordagem escolhida para essa experiência prática.

Desse modo, o objetivo geral foi compreender a valorização da cultura afro-brasileira e africana na sociedade brasileira. Os objetivos específicos giraram em torno de conhecer e reconhecer a cultura afro-brasileira; identificar a arte africana dentro do contexto artístico e cultural; reproduzir a linguagem artística por meio de elementos como dança, desenho, artesanato, escultura, música e pintura. Freire (2000) afirma que:

[...] não haveria cultura nem história sem inovação, sem criatividade, sem curiosidade, sem liberdade, sendo exercida ou sem liberdade pela qual, sendo negada, se luta. Não haveria cultura nem história sem risco, assumido ou não, quer dizer, risco de que o sujeito que se corre se acha mais ou menos consciente [...] (FREIRE, 2000, p. 16).

Cardoso (2017) ao historicizar o negro no Brasil sublinha que mesmo depois da abolição da escravatura ainda havia a comercialização do negro e isso intensificou e consolidou a “[...] cultura afro-brasileira revigorada pelos elementos africanos trazidos pelos escravos [...]” (p. 207). Esse panorama proporcionou a construção de novas identidades tanto por parte dos africanos como dos outros cidadãos nascidos no Brasil ou que construíram moradia aqui. “Os laços de parentesco e as associações de trabalho, eram formas pelas quais as comunidades negras iam se estruturando, podendo uma mesma pessoa participar de várias delas. Além dos laços de parentesco, os africanos trouxeram suas religiões de matriz africana para o Brasil” (CARDOSO, 2017, p. 208).

Silva et al. (2005) analisa a exclusão e a inclusão pela óptica de Piaget. Para esses autores tudo que envolve a inclusão/ exclusão está sempre sendo modificado em razão de serem atingidas pelas relações que são desenvolvidas em sociedade, e, por isso, em algumas circunstâncias, as posturas de alguns sujeitos são opressoras. Daí o papel do educador estar sempre buscando alternativas para incluir a todos, independente do ambiente que está inserido.

No entanto, esse processo, por ser processo (dinâmico, controverso, dialético) e por ser relativo às condições sócio-político-históricas de um dado contexto, dificulta e confunde a identificação dos grupos de excluídos, que muitas vezes encontram-se camuflados, por uma falsa sensação de não estarem sendo oprimidos, de não estarem sendo excluídos. Melhor dizendo: encontram-se tão identificados com o opressor que confundem-se com este valores semelhantes, senão iguais. Por este motivo, o mero reconhecimento das relações de exclusão/ inclusão não é suficiente: é preciso que o indivíduo se identifique como participante ativo dessa dialética, legitimando-se, assim, como ser criador, promotor e transformador do estado das coisas e dos fatos (SILVA et al., 2005, p. 3).

Freire (2000) salienta que o homem não pode deixar de se “[...] abdicar da possibilidade que veio sendo construída, social e historicamente, em nossa experiência existencial de, intervindo no mundo, inteli-lo e, em consequência comunicar o inteligido” (p. 16). Em outras palavras, é extremamente importante que o homem tenha contato com o objeto, ou seja, com a sua história, cultura e raízes. Faz-se necessário conhecer o passado e todo o cenário que caracterize a história de um povo. Nesse sentido, compreende-se a essência de uma população (re) conhecer as marcas impressas que compõe a sua estrutura e a sua biografia.

A escola é laica e por isso é importante que sejam discutidas a diversidade e a inclusão. Nesse panorama, as questões envolvendo os aspectos históricos e sociais precisam ser avaliados e trabalhados dentro do ambiente educacional, e as riquezas da contribuição do negro historicamente não podem ser colocadas em segundo plano. Em vista disso, “é fato, que não se pode desvincular a cultura africana da cultura brasileira, afinal ele se entrelaçam na história do Brasil e de seu povo” (CARDOSO, 2017, p. 213). Portanto, para Freire (1980, apud SILVA et al., 2005) é significativo o compromisso que um povo tem com a sua história, isto é, ao pesquisar sobre suas

origens o aluno está analisando, refletindo, investigando e construindo a autonomia e o pensamento crítico.

## 2 | METODOLOGIA, RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esse trabalho é fundamentado na metodologia de pesquisa exploratória. Essa abordagem possibilita trabalhar com técnicas que dão o suporte para selecionar informações importantes no desenvolvimento da investigação. Esse tipo de ferramenta é o alicerce para estudos subsidiados em referência bibliográfica. Gil (2002) descreve esse tipo de pesquisa como um “[...] aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições” (p.42).

Esse estudo também foi pautado na pesquisa qualitativa e de referência bibliográfica. A pesquisa qualitativa diferente da quantitativa não se baseia em números. Já a pesquisa de referência bibliográfica foi composta por obras de autores pertinentes para a temática. Dessa maneira, foram destacados os pontos considerados importantes e registrados na construção desse artigo. Outra ferramenta de pesquisa utilizada foi o estudo de campo. O estudo de campo é mais flexível e não se baseia em dados quantitativos. “Outra distinção é a de que no estudo de campo estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes. Assim, o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação” (GIL, 2008, p. 57).

O estudo de campo foi realizado na Escola Municipal Alberto Rangel que está localizada na Rua José de Arimateia nº. 0, Bairro: Cidade de Deus, Município: Rio de Janeiro / RJ. A unidade escolar oferta o ensino fundamental nos anos finais e a mesma é subordinada a 7ª. Coordenadoria Regional de Educação da Secretaria Municipal de Educação (SME) da prefeitura do Rio de Janeiro (RJ).



Figura 1: Escola Municipal Alberto Rangel – 7º CRE; SME-RJ.

Fonte: O próprio autor

A Escola Municipal Alberto Rangel participa do Ginásio Carioca (GC). O GC é uma iniciativa da SME cuja finalidade é a organização da escola para atender as necessidades dos adolescentes que estão matriculadas nos anos finais do ensino fundamental. Para isso, a proposta consiste em auxiliar os adolescentes considerando suas experiências e bagagens extramuros escolares. Cabe ressaltar que a Escola Municipal Alberto Rangel está situada em uma comunidade carente e tem em suas redondezas um clima complexo, pois o tráfego é constante e contínuo, melhor dizer, é um local acirrado pela violência.

O GC tem sua jornada ampliada e promove uma educação integral, ligando teoria com prática e promovendo experiências. Esse programa está alicerçado em currículo substancial e conta com professores que estejam dispostos a fazer a diferença. Destarte:

Trata-se, então, de um novo modelo de escola, que inova na matriz curricular, na metodologia, no modelo pedagógico e no modelo de gestão, incorporando técnicas de planejamento, execução, monitoramento e avaliação de seus processos, proporcionando um círculo virtuoso da gestão escolar. A inovação no processo de organização da matriz curricular evidenciou-se pela introdução das atividades de projeto de vida, estudo dirigido e atividades eletivas, proporcionando o aperfeiçoamento do ambiente de aprendizagem (SME, 2017, online).

Silva et al. (2005) afirmam que “no campo da Educação, a pesquisa ganha força e novos contornos, à medida que novos objetos de investigação vêm sendo trabalhados na sua historicidade” (p. 4). Então, nasceu o desejo de compartilhar essa experiência com outros colegas professores para que os mesmos se inspirem e verifiquem na prática como o conhecimento é compartilhado e construído dentro da sala de aula.

O GC tem disciplinas denominadas eletivas onde o professor escolhe o tema que deseja trabalhar com os discentes dentro de uma oficina. Tencionando desenvolver nos estudantes a consciência sobre a cultura afro-brasileira, o respeito e a história dos negros dentro da disciplina de geografia, no ano de 2016 ocorreu a oficina “O negro na sociedade brasileira”. Para isso foram usadas atividades baseadas na arte e, conseqüentemente, na ludicidade. Becker (1992) destaca que o construtivismo foge do tradicional, melhor dizer, a escola está embasada em ações como repetições, decorebas e ensinamentos prontos. O construtivismo possibilita que a escola aja, opere, crie e construa suas bases “[...] a partir da realidade vivida por alunos e professores [...]” (BECKER, 1992, p.3). Então, foram realizadas atividades de artesanato, pintura, debates, dentre outros.

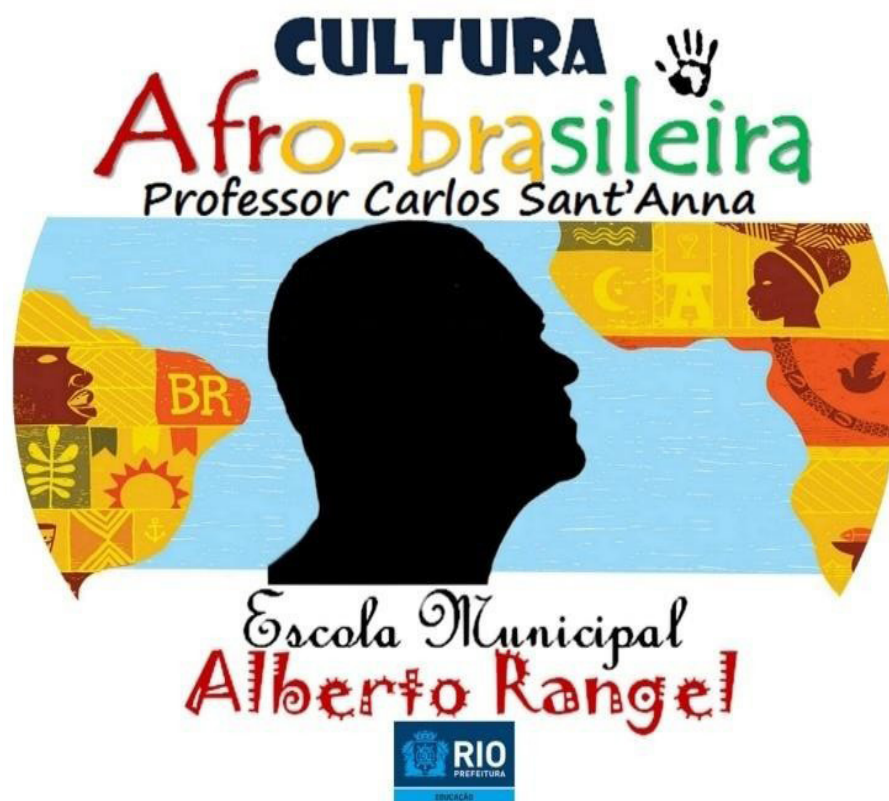


Figura 2: Logo criado para a oficina sobre cultura afro-brasileira  
Fonte: O próprio autor



Figura 3: Artesanato  
Fonte: O próprio autor



Figura 4: Exposição da oficina com Participação da Escolas e Comunidade.

Fonte: O próprio autor

Silva et al. (2005) afirma que a história está diretamente ligada às práticas sociais e ao conhecimento da sua cultura. Dessa forma, o entendimento histórico faz toda a diferença dentro da educação básica e esse torna-se um referencial quando agregado à diversidade. “[...] Assim, as fontes de pesquisa se constituem num instrumento de fundamental importância, visto que possibilitam a compreensão da história e sua relação com os objetos de investigação e com o conhecimento que se quer produzir (p. 4). Nesse panorama a oficina foi proveitosa, já que, possibilitou um resgate histórico, da mesma maneira que aconteceu a troca de saberes entre alunos/ alunos e alunos/ professores.

Dentro da legislação, no primeiro momento, a Lei nº. 9.939/96 em seu Art. 26 e parágrafo 1º, 2º e 3º discorre sobre a história e cultura afro-brasileira. Essa parte foi substituída pela Lei nº. 10. 639/2003. A Lei nº. 9.939/96 estabelecia como obrigatoriedade o estudo sobre a cultura afro-brasileira. Assim como esses podiam ser ministrados de preferência dentro das disciplinas de “Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras” (BRASIL, 1996, online).

A jurisprudência 10.639/2003 “estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências” (BRASIL, 2003, online). Nesse panorama, cabe aos professores ressaltarem a importância do negro para a história e cultura do Brasil, tal como valorizar e destacar o negro como sujeito histórico. O mesmo também estipula o dia da consciência negra. Já a Lei nº. 11.645/2008 estabelece como obrigatoriedade a “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” (BRASIL, 2008, online). Logo:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos



e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1o O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2o Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (NR) (BRASIL, 2008, online).

Dessa forma, a oficina estava fundamentada nas legislações em vigor e isso resultou em aulas mais dinâmicas e lúdicas. Os alunos se empenharam e contagiaram demonstrando essa alegria através de jograis, corais, poemas e poesias. Aliás, o respeito pelo assunto e pela apresentação dos amigos foi notável.



Figura 6: Apresentação do coral.

Fonte: O próprio autor.



Figura 7: Apresentação de poesia com a temática negra.

Fonte: O próprio autor.



Figura 8: Recital de poemas.

Fonte: O próprio autor.



Figura 9: Respeito pelo tema e pelos colegas de oficina.

Fonte: O próprio autor.



Figura 10: Professor Carlos Sant'Anna.

Fonte: O próprio autor.

Por fim, Freire (2000) enfatiza que “a leitura crítica do mundo é um que-fazer pedagógico-político indicotomizável do que-fazer político-pedagógico, isto é, da ação política que envolve a organização dos grupos e das classes populares para intervir na reinvenção da sociedade” (p. 21). Nesse ponto de vista, a intenção e os objetivos da oficina foram construir no aluno o conhecimento sobre a sua cultura, sua história e de sua herança genética. Por isso, o conhecimento precisa se a base para uma educação que promova a criticidade, autonomia e criatividade do aluno. Sendo essas as finalidades e suporte para uma educação que prime pela inclusão e pela diversidade nas suas mais variadas esferas.

### 3 | CONCLUSÕES FINAIS

Toda essa experiência foi fundamental para disseminar na escola uma educação diversificada. Obviamente, que a pluralidade ainda não é um instrumento que está presente em todas as escolas, mas iniciativas como essa oficina são um pontapé inicial para que atividades, incluindo a diversidade e a inclusão, e, conseqüentemente, a cultura afro-brasileira façam parte do currículo de forma sistemática.

É importante impulsionar um ensino que agregue e realmente trabalhe com a cultura afro-brasileira e com a africana. O Brasil é um país que foi colonizado por diversos povos, e, por isso, não podemos contar a história apenas por uma única perspectiva. É necessário que os alunos conheçam a história por meio dos olhares

dos povos que participaram da colonização, seja por livre vontade ou escravizados. Esse é o papel da educação, contar a história realmente como essa aconteceu e valorizar as diversas identidades culturais.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei nº. 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/Ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm)>. Acesso em: 12 ago. 2018.

Ministério da Educação e Cultura. **Lei nº. 10.639**, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm)>. Acesso em: 09 ago. 2018.

.Ministério da Educação e Cultura. **Lei nº. 11.645**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm)>. Acesso em: 09 ago. 2018.

BECKER, F. O que é construtivismo? **Revista de Educação AEC**, v. 21, n. 83, 1992, p. 1-8. Disponível em: < [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/301477/mod\\_resource/content/0/Texto\\_07.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/301477/mod_resource/content/0/Texto_07.pdf)>. Acesso em: 09 ago. 2018

CARDOSO, M. A. Cultura Afro-Brasileira. Revista Eletrônica de Teologia, v. 5, nº. 2, 2017. Disponível em: <<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/unitas/article/view/530/480>>. Acesso em: 09 ago. 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ªed. São Paulo: Atlas, 2002.

\_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ªed. São Paulo: Atlas, 2008.

RIO EDUCA. **Ginásio Carioca**. Disponível em: <<http://www.rioeduca.net>>. Acesso em: 09 ago. 2018.

SILVA, A. P. da; ALVES, C. N; SOUSA, L. P. F. de; PAULINO, M. M; SANTOS, M. P. dos. **Paulo freire - pedagogia da diversidade?** Disponível em: < [http://www.lapeade.com.br/publicacoes/artigos/paulo\\_freire\\_pedagogia\\_diversidade.pdf](http://www.lapeade.com.br/publicacoes/artigos/paulo_freire_pedagogia_diversidade.pdf)>. Acesso em: 09 ago. 2018.

## **SOBRE AS ORGANIZADORAS**

**Glaucia Wesselovicz** - Bacharel em Administração (UNIÃO), Especialista em Logística Empresarial (SANTANA) e Especialista em Gestão de Projetos (POSITIVO), Conselheira do COMAD – Conselho Municipal de Políticas Públicas sobre Drogas, Representante do PROPCD – Programa de Inclusão da Pessoas com Deficiência, Representante no Grupo de Gestores do Meio Ambiente dos Campos Gerais, Articuladora de Projetos Estratégicos do SESI para o Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial, Junior Achievement, ODS – Objetivo de Desenvolvimento Sustentável atuando a 6 anos com ações de desenvolvimento local.

**Janaina Cazini** - Bacharel em Administração (UEPG), Especialista em Planejamento Estratégico (IBPEX), Especialista em Educação Profissional e Tecnológica (CETIQT), Practitioner em Programação Neurolinguista (PENSARE) e Mestre em Engenharia da Produção (UTFPR) com estudo na Área de Qualidade de Vida no trabalho. Coordenadora do IEL – Instituto Evaldo Lodi dos Campos Gerais com Mais de 1000h em treinamentos in company nas Áreas de Liderança, Qualidade, Comunicação Assertiva e Diversidade, 5 anos de coordenação do PSAI – Programa Senai de Ações Inclusivas dos Campos Gerais, Consultora em Educação Executiva Sistema FIEP, Conselheira do CPCE – Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial. Co-autora do Livro Boas Práticas de Inclusão – PSAI. Organizadora da Revista Educação e Inclusão da Editora Atena.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-364-4

